

ONDE ESTÃO OS LEITORES? REDES SOCIAIS E A LITERATURA LGBTQI+

ANDERSON DA MATA
Universidade de Brasília

RESUMO: É comum depararmos com a queixa de que pouco se lê no Brasil, amparada em pesquisa: como a «Retratos da leitura no Brasil», do Instituto Pró-Livro, que apontam para o escasso número de leitores. Porém, a situação da leitura entre os jovens não merece uma análise tão apocalíptica. Onde estão, portanto, os leitores e o que e como eles têm lido? Um espaço privilegiado para encontrar rastros dessas leituras são as redes sociais, em especial aquelas voltadas especificamente para os leitores de ficção, e as «comunidades interpretativas» que surgem daí. Nossa proposta aqui, então, é investigar como se constrói a análise literária nas redes sociais de leitura, sem deixar de observar suas limitações, em um nicho específico de obras, que circulam principalmente em meio digital: a literatura para jovens LGBTQI+. Tendo no horizonte o contexto de adversidade pelo qual passam esses leitores, negociando inclusive com os livros suas entradas e saídas no armário, pergunta-se, afinal, o que buscam esses leitores e o que eles encontram em livros de autores brasileiros que passam ao largo do interesse da crítica especializada em literatura.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; redes sociais digitais; literatura brasileira; literatura LGBTQI+.

WHERE ARE THE READERS? SOCIAL NETWORKS AND LGBTQI+ LITERATURE

ABSTRACT: It is usual to come across complaints about the poor habits of reading in Brazil. Such statements are supported by researches, such as the «Retratos da leitura no Brasil» by Pró-Livro Institute, which points to the scarce number of readers. However, the reading situation among young people does not deserve such an apocalyptic analysis. One may ask where the readers are, as well as what and how they have been reading. A privileged space to find traces of this reading is social medias, especially those focused specifically toward readers of fiction, and the «interpretive communities» that emerge from it. Our proposal here, then, is to investigate how to build literary analysis in social media for readers, while noting its limitations, in a specific niche of works, which circulate mainly in digital media:

literature for young LGBTQI+ people. Not forgetting unknown the context of adversity that these readers go through, even negotiating with books whether they are in or out the closet, we may quire, after all, what these readers are looking for, and what they find in books by Brazilian authors completely ignored by the critics. KEYWORDS: Reading; social media; Brazilian literatura; LGBTQI+ literature.

NO ARMÁRIO: OPRESSÃO E ABRIGO

Seria razoável incluir o armário entre os muitos abrigos que a leitura de ficção é capaz de erguer? Podendo ser espaço de segredo, mas também garantindo a liberdade de ser outros (ou de aproximar-se dele), a leitura, nas negociações dos desejos LGBTQI+, é um complexo meio de se lidar com a opressão. Se o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século xx, como afirmou Eve Sedgwick (2007: 26) no seu influente ensaio sobre a epistemologia do armário, poderia parecer contraditório que a leitura, normalmente associada à ideia de liberdade, pudesse estar ligada a uma estrutura de opressão. Porém, é justamente com o objetivo de abordar essa ambiguidade, que também inclui a relação entre o íntimo e o compartilhado no momento em que se abre um livro, que me proponho aqui a discutir como se dá a leitura de uma literatura gay por leitores gays, escutando-os em um dos poucos espaços em que suas vozes podem ser ouvidas: na internet.

Essa premissa do armário está também associada ao ambiente de opressão à população LGBTQI+ que se agrava no Brasil. Em outubro de 2018, mais de 57 milhões de brasileiros elegeram para a presidência do Brasil um homem que havia declarado, nos anos anteriores à eleição, e com orgulho de suas posições, uma infinidade de ataques à população LGBTQI+, quase sempre metonimizada, na sua lente machista, em «gays» ou «homossexuais». Em um levantamento feito pela revista brasileira *Lado A* (2016), listando as agressões feitas por Jair Bolsonaro à população LGBTQI+, o político afirmou que gays não deveriam participar do debate sobre políticas públicas, afinal gays nada têm a oferecer para a sociedade, ademais, para ele, os corpos dos gays seriam contaminados e infecciosos, então seria melhor que jovens gays sofressem cas-

tigos físicos dos pais, a fim de serem corrigidos, desde que não fossem pais gays, pois esses tenderiam a molestar seus filhos — e uma família gay, enfim, sequer é algo que exista. Vale lembrar que o levantamento feito pela revista cobre apenas o período entre 2011 e 2016, mas já são suficientes para dar a medida de que tipo de posicionamento entusiasmou o eleitor brasileiro em 2018, uma vez que Bolsonaro não se retratou de nenhuma das declarações, mesmo tendo sido condenado recentemente por algumas delas na justiça.

Essas são apenas algumas das declarações que receberam o aval pelo voto da maioria dos eleitores brasileiros. A elas se somam as declarações de seus três filhos, bem como de ministros e outros correligionários, não menos violentas e igualmente avalizadas por expressiva parcela da população, se considerarmos os índices de popularidade do presidente, que se manteve acima de 30 por cento de aprovação ao longo de seu primeiro ano de governo (Jardim 2019), com perspectivas de reeleição em 2022 (Veja 2019). Para a população LGBTQI+ do país, o recado recebido foi o de que a frase «a sociedade brasileira não gosta de homossexuais», dita em 2013 por Bolsonaro ao ator inglês Stephen Fry em uma entrevista para a série *Out There*, da BBC (Fry 2013), não era apenas uma provocação de um polemista, mas uma leitura precisa do que uma parcela expressiva da população pensa sobre as sexualidades dissidentes. O alerta foi dado.

A eleição de Bolsonaro trouxe para a superfície uma disposição violenta contra a população LGBTQI+. Essa disposição, que sempre esteve mascarada por um verniz politicamente correto e uma tendência de reparação por meio de políticas públicas do isolamento histórico das pessoas LGBTQI+ dos direitos civis, irrompeu em agressões verbais, *online* e presenciais, acompanhadas ou não de agressões físicas. Se falo em máscara e verniz é para ressaltar o caráter postiço e frágil dessa reparação tentativa, sem deixar de reconhecer que perder esses gestos de uma etiqueta precária e insuficiente é ainda um grave recuo, pois a sensação de vulnerabilidade à violência em um ambiente como o do Brasil pós-2018 é ainda maior para alguns grupos sociais, entre eles o LGBTQI+.

Voltando a Sedgwick, é preciso retomar a ideia de que o armário no armário é uma marca de parte expressiva das experiências da homossexualidade na modernidade: «a epistemologia do armário deu uma consistência abrangente à cultura e à identidade gays, ao longo do século xx» (Sedgwick 2007: 22). Na sua hipótese, pensada a partir do contexto norte-americano, o tensionamento entre ignorância e conhecimento, mas sobretudo entre segredo e revelação, seriam marcas de uma outra dinâmica tensa entre homosocialidade e heterossocialidade, que dão forma a parte importante das experiências do sujeito do século xx. A influente hipótese de Sedgwick parece ainda ser uma chave para a leitura das homosocialidades no século xxi. Richard Miskolci (2017), ao analisar os modos de expressar e vivenciar o desejo em tempos de mediação digital, em São Paulo e em São Francisco, flagrou, no caso da cidade paulista, essa mesma dinâmica entre usuários de aplicativos de relacionamento: homens que buscam no armário — ou no sigilo, para usar o vocabulário dos próprios sujeitos de pesquisa — uma forma de viver sua sexualidade mais confortavelmente, dentro dos limites impostos por si e pelo seu contexto social para as possibilidades — poucas — de revelação — e a vivência do desejo homoafetivo no campo do segredo, negociando-se relações homoafetivas enquanto se mantém uma presumida vida pública heterossexual (Miskolci 2017: 2314). Miskolci ainda sugere que a recepção positiva da obra de Sedgwick no Brasil pode ter relação com as histórias locais de gestão do segredo, centrais para a obra da norte-americana e para as experiências homosociais brasileiras. (Miskolci 2017: 2514). Além disso, na comparação entre as metrópoles paulista e californiana, os regimes de visibilidade adotados pelos entrevistados são, em alguns aspectos, opostos: o conforto pelo segredo entre os brasileiros é moralmente condenado entre os norte-americanos.

A LEITURA COMO ESPAÇO: MARGEM DE MANOBRA

Se o armário é uma prisão e também um abrigo, encontrando-se hoje materializado nas telas de *smartphones* e *laptops*, há outros espaços vir-

tuais, materializados em outras mídias, que o abrigam. É para o livro, talvez uma opção *vintage* de negociação de desejos e identidades, entre essas disponíveis que me volto neste texto. A ideia de clandestinidade associada à leitura, que deu à literatura brasileira um de seus contos mais saborosos e conhecidos, «Felicidade clandestina», de Clarice Lispector, não é apenas uma simples metáfora, como mostra, pelo seu levantamento histórico, Jean Goulemot, sobre a literatura erótica e pornográfica. Não é por acaso que tanto em Lispector quanto em Goulemot, a clandestinidade da leitura está associada à imaginação disparada pela literatura como associada ao desejo. Outra ideia comumente associada ao livro é a de que o livro e a leitura constroem uma espécie de abrigo. Michèle Petit, antropóloga que trabalha com o tema da leitura, sempre volta a essa mesma imagem, encontrada por ela nos relatos de leitura «Um mundo próprio, um território, um santuário: poderia multiplicar esses exemplos. Logo fiquei surpresa com a frequência das metáforas espaciais empregadas pelos leitores» (Petit 2013: 108). Ela poderia ampliá-la e o faz: um «habitação» (Petit 2013: 109) e, mais, uma «hospitalidade que se oferece» (Petit 2013: 112). Propor que o livro seja uma forma de hospitalidade é, quando pensamos nesse espaço de segredo, muitas vezes motivado pela hostilidade da homofobia fora dele, uma torção na noção de que o armário é uma prisão.

É por isso que escrevo este texto com o pensamento naqueles que, neste momento histórico, estão próximos a mim na vulnerabilidade causada pelas ameaças que se vêm avolumando: lésbicas, gays, trans, *queer* e mais. Quando parece nos faltar espaço para respirar, força para resistir e perspectiva para imaginar o presente e o futuro, pode ser na vizinhança que buscamos e encontramos apoio; e nas práticas de leitura que atravessam esse espaço de afetos, pode-se encontrar uma margem de manobra que se anuncia, que é como Michèle Petit (2010: 83) define a prática de leitura na adversidade. Sem presumir que os LGBTQI+ componham um grupo homogêneo e com a consciência de que as comunidades só são possíveis no reconhecimento da diversidade que dinamiza seu interior, parto da ideia de que nas redes que se formam para construir esses espaços de resistência, o papel das narrativas tem

sido historicamente fundamental — e não deixou de sê-lo no marco da I Guerra Mundial, como vaticinou Walter Benjamin (2008: 197) e como têm repetido as análises apocalípticas que se desdobram de seu ensaio sobre o narrador. Nem o narrador nem a experiência, e o valor de seu compartilhamento, desapareceram. Os espaços virtuais, por meio das redes sociais, deram inclusive uma dimensão global para essa partilha de narrativas e experiências, fundadas sobre histórias locais, das quais poderíamos citar, como fenômenos mais recentes, o blog de Malala Yousafzai, a campanha #metoo e #meuprimeiroassedio.

O QUE OS LEITORES GAYS TÊM LIDO?

Paro aqui, então, para observar, analisar e discutir como leem os jovens leitores LGBTQI+, voltando-me também para o leitor que fui e do qual continuo cuidando em mim e no outro. Minha escolha foi, então, por uma literatura sobre a qual a crítica literária silencia: os livros de ficção dirigidos ao público jovem LGBTQI+. Em 2017, *O terceiro travesseiro*, de Nelson Luiz de Carvalho, um dos maiores *best sellers* do tipo, completou 20 anos, um romance que conjuga o caráter erótico de uma *gay pulp fiction* com os contornos folhetinescos de um romance rosa, e que já teve 15 edições desde seu lançamento. É uma obra que ainda serve de modelo para a ficção voltada para esse público no Brasil. Se considerarmos que as cópias desse livro circulavam de mão em mão como um segredo entre adolescentes e jovens gays dos anos 1990 e 2000, o potencial volume de leitores desse livro é espantoso. A crítica silencia sobre fenômenos como esse (mesmo com tamanho alcance de leitores, não há mais que uma dezena de artigos e teses dedicados a discutir o livro), mas não os leitores que, com a internet, viram a possibilidade de também se fazerem críticos e têm encontrado espaço para expor suas opiniões sobre essa literatura nas mesmas redes nas quais os livros circulam e são contrabandeados, em copiosos e irrastráveis *downloads*.

Minha atenção foi fisgada para esse fenômeno quando, com Rômulo Ximenes, professor de literatura na educação básica e pesquisador na

Universidade de Brasília, comecei a me interrogar sobre o que interessava aos adolescentes gays nessas obras, que muitas vezes sequer passavam pelo espaço físico tradicional das livrarias ou das bibliotecas, para não dizer pelo crivo dos agentes do campo tradicionalmente legitimados a chancelarem obras literárias, como editores, críticos e professores. Ainda que sejam leituras que ocorram fora da escola, quando se trata de formação de leitores, é sempre necessário olhar com atenção para as perguntas que a prática docente ajuda a construir. E a pergunta que me fez Ximenes era *o que jovens gays querem ler e por quê?* O pressuposto dessa pergunta é o de que não é possível falar em *fim* da leitura: há muitos leitores entre os jovens, apesar das queixas sobre a perda de importância da leitura na contemporaneidade. O que queríamos, àquela altura, era encontrar os leitores para podermos escutá-los.

Confirmando esse pressuposto de que o fim da leitura é uma falácia, também com os olhos voltados para esse fenômeno das leituras que ocorrem fora dos espaços controlados pelas instituições, João Luis Ceccantini (2016: 83), ao analisar os dados da quarta edição da pesquisa «Retratos da leitura no Brasil», publicada em 2016, já sugeria que havia um problema na avaliação de que «os jovens não leem mais». Apoiando-se tanto nos números da pesquisa quanto na avaliação dos últimos textos de Umberto Eco sobre leitura na era digital, Ceccantini destacava que os jovens leem mais que o restante da população, que o mercado editorial voltado para esse público cresceu mais que a média nos últimos dez anos e que, ao diferentemente do que se poderia imaginar, essas práticas de leitura não se ligavam à escola, pois nem os professores eram reconhecidos como figuras centrais na formação desses leitores, nem as leituras «utilitárias» se sobressaíam diante daquelas feitas por prazer (Ceccantini 2016: 85-86).

No espaço lamentavelmente insulado da universidade, e atento principalmente aos fenômenos literários e de leitura que por ali circulam, realmente não tinha no meu escopo de interesse de pesquisa essa literatura, dita baixa, popular — *pulp fiction*, como se pode chamá-la, num sentido mais estendido do termo —, com forte apelo de autoajuda, por um lado, e, por outro, do erótico e do pornográfico, muitas vezes conju-

gados nos mesmos textos. Nem mesmo a pesquisa «Retratos da leitura no Brasil», cuja abrangência é mais ampla e sem compromisso com os vícios da crítica literária, detecta esse fenômeno de leitores interessados em nichos específicos que dialoguem com suas experiências de sexualidade, silenciando sobre o consumo de literatura voltada para o público LGBTQI+, uma vez que a segmentação dos leitores por orientação não faz parte da metodologia da pesquisa. O termo LGBTQI+ e seus correlatos sequer aparecem citados na discussão dos dados da pesquisa, em um volume de artigos publicados junto com o relatório. A literatura erótica também não é considerada nos questionários de pesquisa e apenas eventualmente em sua discussão¹.

Creio que esses silêncios já dão a medida de como o tema é marginal e de como é no contrabando que essa literatura circula. Porém, se queremos pensar a formação de leitores e o modo como o texto literário pode interferir na relação dos sujeitos (e dos grupos sociais em que esses sujeitos se inserem) com o mundo, bem como entender as práticas culturais das pessoas LGBTQI+ e arriscar propor estratégias democráticas e multiculturais de promoção da leitura, é fundamental investir na compreensão de como essas leituras têm se dado fora do olhar dos professores, pais e críticos.

Evidentemente, desenvolver uma pesquisa de campo sobre recepção de livros LGBTQI+ com forte apelo erótico junto ao público adolescente era uma tarefa complicada para se enfrentar nos comitês de ética, na comunidade escolar e dos pais de adolescentes, tendo em vista que o próprio modo de circulação dessas obras está, de alguma maneira, relacionado ao armário e a sua epistemologia de exposição e velamento, para retomar os termos da já citada Sedgwick, e que ainda permanecem atuais. Por isso, a primeira pergunta a ser feita é: Onde estão esses leitores? Pois não se faz uma literatura LGBTQI+ sem leitores LGBTQI+. Eles, porém, em um país violento com essas popula-

¹ Já na discussão dos dados apenas no artigo de Walcyr Carrasco (2016: 49) se menciona o interesse pelo erotismo na literatura, em seu relato de formação, mas referindo-se às obras de Jorge Amado e a *As mil e uma noites*.

ções como o nosso, nem sempre estão com a cara no sol. É nesse sentido que Mario Lugarinho (2008: 9), apoiando-se na hipótese de Antonio Candido sobre a indissociabilidade do *público* das dinâmicas do sistema literário, que teria nos autores e nas obras suas duas outras pontas, faz uma provocação ao campo sobre a necessidade de se estudar a circulação no Brasil de uma literatura gay, como ele denomina, que remontaria ao século XIX, tendo como marco *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha. Atendo-se ao acervo do cânone, Lugarinho não indica os textos de *pulp fiction*, gênero que poderia ter circulado no Brasil, à maneira do que ocorreu nos Estados Unidos, alguma literatura gay ao longo do século XX, lembrando que o fenômeno no Brasil se deu em livros de rodoviária², dos quais não há, em muitos casos, arquivos. Ao escrever sobre a história da literatura gay no Brasil, nem Denilson Lopes, no importante artigo publicado em 2002, nem João Silvério Trevisan, no fundamental *Devassos no paraíso* (2018), recentemente reeditado e revisado, dedicam-se a pensar algum fenômeno marginal em relação ao campo literário para a literatura LGBTQI+ (Cassandra Rios é uma exceção, citada por Trevisan), preferindo escrever mais longamente sobre aqueles consagrados pela crítica.

Por isso, assumo aqui seguir a provocação de Lugarinho, que encontra eco em Drewey Wayne Gunn (2009), cuja análise da história da literatura gay norte-americana não se volta nem para o *sobre* (a questão temática), pois sempre houve histórias homoeróticas, nem para o *por* (a questão da autoria) pois já se sedimentou um rol de autores e autoras lésbicas e gays na história da literatura, mas para o *para*, que é a comunidade de leitores para a qual os textos se dirigem e na qual eles circulam. Não por acaso, ao buscar entender essa literatura, com interesse específico no público masculino, Gunn volta-se para a *pulp fiction* escrita para esse público, pois estão ali os textos em que o leitor projetado pelo texto é um homem gay. Arriscaria afirmar que seria uma espécie de

² Pedro Theobald e Charles Dall'Agnol (2019), sem se aterem ao nicho LGBTQI+, afirmam que o fenômeno *pulp* teve sua presença no Brasil adaptada ao formato de livros de rodoviária.

leitor modelo, nos termos de Eco, isto é, embora o autor não controle a recepção de seu texto, como se oferecesse um código a ser descoberto, ele seria capaz de, na sua obra, prever o leitor: pressupondo competências, mas também instituindo-as, construindo assim o *leitor modelo* (2016: 56).

Categorias como a de *leitor modelo* são abstrações da teoria para se pensar a relação do texto com sua recepção. Mas é inevitável se perguntar: Onde estão os leitores reais? E como eles respondem à interpelação que esses romances fazem de si? Pode encontrá-los nas redes virtuais de compartilhamento de impressões de leitura, tanto as específicas, como Skoob e Amazon, quanto outras mais populares e não exclusivamente voltadas para o público de leitores de ficção, como Facebook, Twitter e Youtube. É, evidentemente, uma opção metodológica com muitas limitações. Além de escassas, as manifestações dos leitores não permitem que saibamos deles mais do que seus comentários podem revelar explicitamente ou nas entrelinhas. Além disso, a disposição para comentar em uma rede social, que pressupõe alguma disposição para se expor (ainda que a assinatura do comentário possa ser forjada em um pseudônimo, mantendo-se algum anonimato), já delimita o público de leitores cujos comentários poderia analisar em uma parcela pequena e com um tipo particular de engajamento na leitura e nos espaços LGBTQI+. De todo modo, flagrei ali, entre esses leitores específicos, relatos de leitura que nos permitiam compreender o que buscam e o que encontram nos livros, isto é, de que são feitas essas comunidades interpretativas, para tomar de empréstimo o termo cunhado por Stanley Fish na leitura que Rejane Pivetta (2015) faz dele, ao discutir essas redes virtuais de leitura.

O artigo de Rejane Pivetta dedica-se a uma abordagem da rede Skoob a partir de ferramentas da antropologia da leitura. Uma das constatações de Pivetta é de que não há que se falar em «fim dos leitores», e seu texto também revela que não há razão para se falar em fim da leitura, uma vez que a «comunidade interpretativa» da rede revela um sólido conjunto de categorias de leitura compartilhada entre os leitores, com atenção ao autor, à obra e ao público, corroborando a hipótese que de-

fenderei aqui, inclusive no que diz respeito à centralidade da identificação emocional dos leitores com a obra (Pivetta 2015: 85). No entanto, ela não se atém a questões de identidade, uma vez que sua metodologia aponta para outros percursos, em que grupos específicos não podem ser identificados. Contudo, é de se notar que as resenhas dos livros LGBTQI+ se assentam de forma mais contundente sobre os leitores que aquelas selecionadas por Pivetta, que se dedica aos livros mais bem avaliados da rede.

OS LIVROS E OS LEITORES NAS REDES: NOVOS MODOS DE CIRCULAÇÃO

Como já afirmei, sabendo que os LGBTQI+ não são um grupo homogêneo, precisei estabelecer um limite para minha pesquisa e voltei-me aqui para o público masculino e jovem. Decidi buscar os livros publicados por autores brasileiros que estivessem chamando a atenção dos jovens nas redes sociais. Não é fácil rastrear essa literatura, pois as redes em que esses livros circulam não estão facilmente expostas, porém dois nomes se destacaram na minha pesquisa, feita tanto na plataforma da Amazon, quanto por menções no Twitter e em grupos de leitores LGBTQI+ no Facebook: A. P. Wilson e Fabrício Viana.

A. P. Wilson é um codinome para uma autora que mantém um perfil misterioso nas redes sociais, Angeli Pietro Wilson (outro codinome?), que não tem presença ostensiva no meio editorial ou LGBTQI+, embora tenha um ritmo de publicações impressionante (mais de 30 obras publicadas no site da Amazon, entre contos e romances), com vendas expressivas, dada a posição de destaque que a plataforma de vendas dá aos seus textos. Mas meu foco aqui será a obra de Fabrício Viana, cujo grau de exposição da figura de autor é o oposto de Wilson. De Viana sabemos bastante: quem é, o que faz, sua rotina, seus relacionamentos, tudo exposto nas redes sociais, no seu blog e nas entrevistas que concede. Muito atuante nos meios de comunicação, sobretudo na internet, onde mantém um *blog*, hospedado em sua página pessoal, desde 2001,

tornou-se conhecido como escritor por um livro de não-ficção, *O armário*, de 2006, que conjuga um relato autobiográfico da descoberta de sua própria homossexualidade e um estudo histórico e teórico sobre o tema, com enfoque na psicologia, sua área de formação. Embora meu interesse seja pela ficção, é importante já sublinhar que esse primeiro livro é lido, de acordo com as resenhas dos leitores presentes nas redes, como um material de orientação por LGBTQI+ e suas famílias.

Em 2014, Viana lançou seu primeiro romance, *Theus*. Seu alcance foi grande para uma obra de ficção brasileira, publicada de forma independente, para um segmento de público específico. Embora não alcance ainda o fenômeno da obra de Nelson Carvalho, dos anos 1990, em quatro anos, o livro já vendeu mais de quatro mil exemplares (assim como *O armário*). Segundo o autor, as vendas *online* não estão contabilizadas nesses números, o que ainda poderia elevar bastante o volume de vendas. Vale lembrar que os livros foram lançados pela editora independente Orgástica, do próprio autor, que, recentemente, passou a se chamar Bons Livros, uma mudança regida pela lógica do armário: é preciso esconder-se para sobreviver. Segundo o autor, o nome da editora havia começado a atrapalhar as vendas, devido aos filtros contra consumo de pornografia que as redes dos eventuais compradores poderiam ter, no ambiente de trabalho, por exemplo)³.

Voltando ao romance, trata-se de uma história de amor, bastante convencional na sua estrutura narrativa, entre dois jovens que se conhecem em uma situação de crise, apaixonam-se, não chegam a revelar seu amor e são surpreendidos por uma catástrofe que ao mesmo tempo impede seu futuro e preserva a idealização da relação. Um deles é um matemático, imigrante panamenho, herdeiro de uma família rica em seu país de origem, que abriga em sua casa em São Paulo um jovem recém-chegado do interior de Minas Gerais, que havia fugido de uma fazenda em que um grupo neopentecostal promovia «curas gays». Esse arco narrativo mais extenso é preenchido por outras subtramas, em que, por

³ As informações aqui reproduzidas foram obtidas por meio de entrevista concedida pelo autor, por correio eletrônico.

um lado, o erotismo ganha o primeiro plano, sobretudo nas memórias do protagonista, Prometheus Junior, e, por outro lado, uma série de discussões políticas sobre homofobia, transfobia, religião e novos arranjos familiares ganham espaço. O que chama, então, a atenção dos leitores que se pronunciaram, a maior parte favoravelmente, sobre os livros nas redes? Que tipo de experiência de leitura buscam?

A resposta, de acordo com os comentários publicados, pode ser resumida em duas palavras: reconhecimento e orientação. Os leitores buscam um romance como *Theus* para se verem nas páginas de um livro. Querem ver escritas histórias como as suas, que lhes pareçam reais, que se conectem com suas experiências, em que vejam representadas suas rotinas (trabalho, sexo, amizades, baladas, drogas, etc.) bem como suas angústias (dúvidas com relação à sexualidade, conflitos religiosos, enfrentamentos com a família, medo de não conseguir uma relação estável) e seus desejos (no que o erótico e o pornográfico têm um papel fundamental). Querem, ainda, por meio dessa identificação, encontrar, no confronto com o enredo, orientações sobre como lidar com essas diversas questões, uma espécie de pedagogia da sua própria sexualidade.

REALIZAÇÃO E IRREALIZAÇÃO: ABERTURA PARA A IDENTIFICAÇÃO

São dois tipos de relação com o texto que podem parecer prosaicas, mas que respondem, de alguma forma, no que se refere à identificação, à proposta que faz Wolfgang Iser (1992: 33) sobre a relação entre o fictício e o imaginário: o real repetido em signo de outra coisa favorece a transgressão de limites que abre espaço para a irrealização; por outro lado, o imaginário tornado concreto ao ser posto em signo na ficção perde seu caráter difuso e é, de alguma forma, realizado. Sem abrir espaço para a condescendência, é um duplo movimento que permite compreender a complexidade da relação que esses jovens estabelecem com o texto. Assim, o ato de fingir, do qual o leitor participa junto com o autor, reformula o mundo formulado, abre espaço para a compreensão de um mundo reformulado e, também, para a experiência de um acontecimento.

Ainda sobre essa relação de identificação com o texto, em outro tipo de registro, mas ainda pensado no que está irrealizado no texto, Michèle Petit argumenta que o «espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou reconquista de uma posição de sujeito» (Petit 2013: 43). Ela defende a possibilidade de uma leitura de identificação com o texto, frequentemente rejeitada nos modelos de letramento literário escolar na França (e também aqui no Brasil), em uma aspiração à leitura objetivamente científica. Assim, o leitor (e ela sublinha o leitor adolescente) procurara o livro «para explorar os segredos do sexo, para permitir que se expresse o mais secreto, que pertence por excelência ao domínio dos sonhos eróticos, das fantasias» (Petit 2013: 44). Esse jovem está, então, «em busca de palavras que permitam domesticar seus medos e respostas às questões que o atormentam» (Petit 2013: 44). Por isso, não é apenas o leitor que lê o texto, mas ele também leria o leitor (Petit 2013: 46).

O QUE DIZEM OS LEITORES

Considerar a possibilidade de identificação com o texto é reconhecer parte importante do processo psíquico que se dá no ato de leitura e também de parte de seu processo político. A identificação com o texto abre espaço para o papel pedagógico que ele assume. No caso das leituras dos romances gays, como mostrarei mais adiante, essa pedagogia é um dos efeitos buscados pelos leitores. Sayonara Oliveira e Mayana Soares destacam, na sua análise sobre livros publicados por editoras voltadas para o público LGBTQI+, entre eles *O terceiro travesseiro*, que um dos projetos dessa literatura é o pedagógico. Para as autoras esse projeto «não visa apenas à descrição da homossexualidade enquanto prática sexual ou identidade», é também «um guia comportamental de como apreender uma ‘identidade singular’» (Oliveira e Soares 2017: 169).

Se lemos *Theus* pelo modelo de leitura de Oliveira e Soares, encontramos lá o projeto pedagógico e também o engajado, que é o direcionamento do leitor não heterossexual para fora do armário e para a defesa

da pauta política LGBTQI+ (Oliveira e Soares 2017: 171), e o assimilacionista, formulado de forma menos clara no artigo, que consistiria na busca pela «normalidade» e pela passabilidade heterossexual (Oliveira e Soares 2017: 174). No romance, há tanto a pedagogia, no percurso da personagem principal, quanto o engajamento, sobretudo pela divulgação, ao longo da narrativa, de ações políticas e de outros textos importantes para a luta LGBTQI+ no país, mas também a busca, de alguns personagens, pela assimilação, que é, afinal, posta em xeque pelo próprio conflito principal da história, que é a cura gay imposta ao protagonista por fundamentalistas neopentecostais. Há ainda outra dimensão bastante premente que é a da textualização do desejo por meio do erotismo e da pornografia, que Oliveira e Soares não singularizam, embora esteja presente nos livros discutidos por elas.

Interessante é notar que, nos comentários dos leitores, sobressai o impacto da dimensão pedagógica do texto, obtida pela dinâmica de irrealização e realização do texto. Esse movimento está expresso nos comentários sobre *Theus* disponíveis nas redes, nos quais é bastante frequente a correlação entre o caráter pedagógico do romance e o impacto da ação representada. Há um reconhecimento de que as situações que o texto põe em cena ativam a imaginação de tal modo que é possível correlacioná-la às experiências já vividas, ou vivíveis, e à reflexão sobre o futuro.

Pivetta já indicava esse modo de ler presente em comentários nas redes. Segundo a autora:

Em geral, o fato de as obras tomarem a dimensão da realidade é um fator de grande interesse para os leitores, o que se expressa [...] no alto apelo emocional das obras, as quais se assemelham por apresentarem protagonistas jovens, em fase de formação, que vivem experiências de sofrimento, relacionadas à expectativa da morte, seja a própria ou a de membros da família e amigos próximos (Pivetta 2015: 83).

Antes de passar à discussão dos comentários, contudo, é preciso fazer uma observação. Os livros voltados para o público LGBTQI+ são escassos, sua circulação é limitada, pois as poucas grandes livrarias que

restam (depois da quase extinção das pequenas) sequer expõem obras que dão (ou levantam) bandeiras que possam agredir o chamado «cidadão de bem», uma nomeação para o sujeito «normal», que se sente agredido com qualquer tipo de diferença, à qual reage com violência, e que emergiu como força política dominante na última década, da qual o representante máximo é o presidente do país. Por isso, ler esses livros ainda é, para muitos, um risco. A possibilidade da leitura *online*, sem que o livro materializado deixe rastros ao ser comprado numa livraria, carregado na rua e deixado numa estante em casa, é uma forma de libertação das possibilidades de leitura, mas é também um reforço da lógica do segredo e da porta do armário. Os comentários que discuto aqui são de leitores que aceitaram se expor na rede, com seus nomes ou pseudônimos. A maioria desses leitores, porém, permanecem em silêncio, e é bastante provável que algumas das dimensões de seus processos de leitura estejam fora de meu alcance de análise de construção de hipóteses, aqui centradas na identificação emocional dos leitores com as personagens da narrativa.

A dinâmica de identificação, na forma mais direta, é encontrada no comentário do leitor fabiano.caldeira 313, no Skoob⁴, que afirma se sentir atraído pela correlação de sua biografia com os temas abordados pela narrativa:

[...] me chamou a atenção quando vi a divulgação do romance em alusão à cura gay tão apregoada pelos fanáticos religiosos. Fiquei curioso, uma vez que experimentei vários segmentos religiosos em minha vida.

Também no campo da identificação, Apollo, no mesmo Skoob, ainda elogia o papel pedagógico da obra:

A temática LGBT mostrada aqui é (para mim) um detalhe sem importância devido as inumeras informações importantes apresentadas na obra

⁴ Todos os comentários sobre o romance na rede Skoob estão disponíveis no site da rede social. Os comentários estão reproduzidos da forma como foram publicados.

tendo como papel principal alertar o leitor para os perigos que assolam o sexo e a sexualidade humana (sendo hetero ou gay).

É interessante notar que o leitor Apollo tenta atribuir à obra um valor universal, o que pode ser lido inicialmente como uma recusa da identidade LGBTQI+, como parte de uma homofobia estrutural, mas também pode ser uma forma de atribuir maior qualidade à experiência da leitura e maior complexidade à identificação. O comentário demonstra consciência do processo de relação entre o eu e o outro que a leitura pressupõe. Sobre esse aspecto, ao tratar da questão da identificação, Petit argumenta que:

Ler não nos separa do mundo. Somos introduzidos nele de uma maneira diferente. O mais íntimo tem a ver com o mais universal, e isso modifica a relação com os outros. A leitura pode contribuir, desse modo, para a elaboração de uma identidade que não se baseia no mero antagonismo entre «eles» e «nós», minha etnia contra a sua, meu clã, meu povo, meu território contra o seu. Pode ajudar a elaborar uma identidade em que não se está reduzido apenas a laços de pertencimentos, mesmo quando se tem orgulho deles, e levar à construção de uma identidade plural, mais flexível, mais adaptável, aberta ao jogo e às mudanças (Petit 2013: 55).

Identificar-se com o texto, portanto, é também aprender a estar no mundo e o caráter de compartilhamento dessa identidade exige que se reconheça as demais e um movimento que a autora denomina *universal*, e que eu chamaria de *comum*.

No canal Semitons, no Youtube, uma espécie de *podcast* fora de lugar, já que faz apenas uso de áudio, sem vídeo, os dois resenhistas dialogam destacando que o romance é um «tapa na cara», em alusão ao modo como expõe as questões relativas à violência sofrida pelos LGBTQI+ (e, provavelmente, também ao desfecho trágico da história). E ainda acrescentam: «o mais importante é como ele fala sobre se aceitar», sem deixar de sublinhar: «o livro me fez lembrar da minha vida». Ou seja, fica evidente, mais uma vez, a correlação entre o caráter peda-

gógico e a capacidade da narrativa de se conectar com as experiências dos jovens.

Outro leitor, desta vez na plataforma de comentários da Amazon⁵, Jota R, entusiasmado, destaca: «Intenso, didático, esclarecedor, feliz e triste! Que livro excepcional! Muitos podem imaginar se tratar de um simples romance erótico, mas ele vai (muito) mais além». Também na Amazon, Rodrigo Pittarelo avalia: «Inspirador, contagiante, muito real e atual, ‘terapêutico’ nos leva a refletir bastante sobre nossas vidas».

O vocabulário do comentário de Jota R. já revela o modo como ele pretende destacar o caráter pedagógico da leitura, sem deixar de observar a negação do erótico, que é apenas sintoma de como ele interessa e ao mesmo tempo é recalcado (o que renderia outra boa discussão). No caso de Pittarelo, o uso do termo «terapêutico» acrescenta à identificação o caráter reparador da narrativa. Essa dimensão da reparação, que, ao lado da erótica, também poderia se somar à categorização de Oliveira e Soares (2017), é sublinhada por Petit:

Quando uma pessoa se sente despedaçada, quando o corpo é atingido, angústias e fantasias arcaicas são despertadas, e a reconstrução de uma representação de si, de sua interioridade, pode ser vital. E na leitura, ou também na contemplação de obras de arte, há algo que pode ser profundamente reparador (Petit 2013: 68).

Essa dimensão reparadora é mais uma forma de esses leitores falarem da identificação com o texto. Por isso, o que mais me interessa nesses comentários é o entusiasmo com a leitura que vai sendo expresso em cada um deles, que é devido exatamente ao que se costuma negar na crítica literária dita séria sobre a experiência estética: o distanciamento e o desinteresse. Nenhum desses leitores está preocupado em se mostrar distante do texto nem dele desinteressado. Ao contrário, quanto mais próximo dele, melhor. Quanto mais ensinar, mais potente terá

⁵ Todos os comentários da Amazon estão disponíveis na página do livro em <<http://amazon.com>>.

sido a leitura. Poderíamos, condescendentes, dizer que esses leitores estariam em busca de um espelho, de uma leitura que repetisse aquilo que já sabem, que querem ouvir, em que, por vaidade, se reconhecem. Por outro lado, de alguma forma, é também possível imaginar que esses leitores estão em busca de experiência: de ouvir a do outro, experimentá-la, conectá-la com as suas e saírem mais complexos — e, por que não?, melhores — da leitura. Esse desejo do efeito terapêutico, condenado por grande parte da crítica e da teoria literárias, correlaciona-se com a observação de bell hooks sobre a vontade dos estudantes de transformarem os espaços da aula em uma «terapia de grupo», rejeitada pelos professores ditos sérios. hooks afirma que «[e]mbora seja irrazoável da parte dos alunos ter a expectativa de que as aulas sejam sessões de terapia, é adequado terem a esperança de que o conhecimento recebido nesse contexto os enriqueça e os torne melhores» (hooks 2013: 32).

Não venho aqui defender esse modelo de leitura como mais adequado, mas apenas constatar que há um imenso descompasso entre o que esperamos do leitor literário e o modo como esses leitores têm se formado. E posso afirmar que esse descompasso é nocivo a todos: de um lado, os leitores limitados a um modelo de leitura por identificação direta não têm acesso a um potencial revolucionário e transformador que só pode vir da oscilação entre perder-se e encontrar-se em um texto e do manejo habilidoso das ferramentas de leitura e escrita que a teoria propõe; de outro lado, teóricos e críticos seguem falando para um clube fechado de iniciados, sem entender o que está acontecendo da porta de sua confraria para fora, onde há muita literatura sendo feita e lida.

A esse respeito, acredito que a resenha de *Theus*, feita pelo leitor Rodrigo, no Skoob é bastante esclarecedora: «Cada livro que leio é uma experiência, um aprofundamento, um esquecimento de onde estou e do que sou pra viver que seja por momentos, dias, algo que se insere em mim». Rodrigo usa uma formulação muito próxima da que tantos teóricos fazem sobre o que seria a experiência estética, como aquela de Iser que citei anteriormente. É assim também que, por exemplo, H. U. Gumbrecht descreve a experiência estética: «estar perdido em intensidade concentrada» (Gumbrecht 2010: 133). E Rodrigo ainda faz uma reinvin-

dicação política, ao acusar o campo literário brasileiro de silenciar sobre as representações das populações LGBTQI+:

A literatura brasileira precisa dar olhos para essas pérolas que saem da dor, do sofrimento e que traduzem milhares de corações que como o meu lutam todos os dias para sobreviver, pra serem tratados com o mínimo de respeito. A sensação de choque em mim revela que ficarei dias a digerir essa incrível história. Olha lá se eu não ler outra vez (Skoob).

É preciso ouvir os leitores como Rodrigo. Sua reivindicação é por mais espaços em que possa se abrigar da hostilidade de uma sociedade abertamente homofóbica. Os comentários que sublinham, na narrativa, o sofrimento dos LGBTQI+, seja acusando diretamente os fundamentalistas religiosos, seja falando de forma mais abstrata sobre sua leitura do texto como uma denúncia, revela a importância do empoderamento dos leitores, que é, de alguma maneira, o reconhecimento de uma tensão entre a demanda por se manter a sexualidade em segredo e o desejo de se viver de forma mais livre: o texto abriria de alguma maneira a possibilidade de um fortalecimento de si e uma possibilidade de se transitar para além do armário, como se o interior dos livros fosse um espaço mais amplo em que se pode estar à vontade e em segurança, o que parece ser cada vez mais difícil para qualquer pessoa LGBTQI+ no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMAZON (s.d.). «Comentários sobre *Theus: do fogo à busca de si mesmo*». Amazon. [Em linha] [18 outubro 2019]. <<https://www.amazon.com>>.
- BENJAMIN, Walter ([1985] 2008). *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- CARRASCO, Walcyr (2016). «A história de uma paixão — de leitor a autor». Zorara Failla (dir.). *Retratos da leitura no Brasil* 4. Rio de Janeiro: Sextante.
- CARVALHO, Nelson Luiz ([1997] 2007). *O terceiro travesseiro*. São Paulo: GLS.

- CECCANTINI, João Luís (2016). «Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler». Zoara Failla (dir.). *Retratos da leitura no Brasil* 4. Rio de Janeiro: Sextante.
- ECO, Umberto ([1979] 2016). *Lector in fabula: la cooperazione interpretativa nei testi narrativi*. Milão: Bompiani.
- FRY, Stephen (2013). *Out There*. BBC. [Em linha] [18 outubro 2019]. <<https://www.youtube.com/watch?v=NLSIeNBqYKM>>.
- GOULEMOT, Jean Marie ([1991] 1994). *Forbidden texts: erotic and its readers in eighteenth-century France*. Trad. James Simpson. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1994.
- GUMBRECHT, Hans U. (2010). *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio.
- GUNN, Drewey Wayne (2009). «The golden age of gay fiction: for, by, about and out!». Drewey W. Gunn (dir.). *The golden age of gay fiction*. Albion: MRL Press.
- HOOKS, bell ([1994] 2017). *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*. Trad. Marcelo Cippola. São Paulo: Martins Fontes.
- INSTITUTO PRÓ LIVRO (2016). «Retratos da leitura no Brasil». *Plataforma Pró-Livro* [em linha] [23 outubro 2019]. <<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos-da-leitura/>>
- ISER, Wolfgang (2013 [1992]). *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj.
- JARDIM, Lauro (2019). «Novo ibope mostra popularidade, aprovação e confiança em Bolsonaro em queda». *O Globo*. 25 setembro 2019. [Em linha] [18 outubro 2019]. <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/novo-ibope-mostra-popularidade-aprovacao-e-confianca-em-bolsonaro-em-queda.html>>.
- LADO A (2016). «100 frases homofóbicas de Jair Bolsonaro». *Lado A*, 17 de março. [Em linha] [21 agosto 2019]. <<https://revistaladoa.com.br/>>.
- LISPECTOR, Clarice (2016). *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LOPES, Denilson (2002). *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- LUGARINHO, Mário (2008). «Nasce a Literatura Gay no Brasil: Reflexões para Luís Capucho». Antonio de Pádua Dias da Silva (dir.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 9-24.

- MISKOLCI, Richard (2017). *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros em linha*. [Edição Kindle]. Belo Horizonte: Autêntica.
- OLIVEIRA, Sayonara; SOARES, Mayana (2017). «Literatura gay: manual para se tornar um homossexual respeitável». *Revista Humanidades e Inovação*, 4 (6), 166-177.
- PETIT, Michèle ([2008] 2009). *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. Artur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34.
- PETIT, Michèle (2013). *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. Celine Olga de Souza. São Paulo: Editora 34.
- PIVETTA, Rejane (2015). «Favoritos do público: uma análise das práticas de leitura da comunidade virtual Skoob». *Desenredo*, 11 (1). DOI: <https://doi.org/10.5335/rdes.v11i1.4968>.
- SEDGWICK, Eve K. (2007). «A epistemologia do armário». Trad. Plínio Dentzien. *Cadernos Pagu*, 28, janeiro-junho, 19-54.
- SEMITONS (2016). «Semitons #4». 1 dezembro 2016. [Em linha] [18 setembro 2019]. <<https://www.youtube.com/watch?v=6kzJoRMdUT4>>.
- SKOOB [s.d.]. «Comentários sobre *Theus: do fogo à busca de si mesmo*». [Em linha] [18 outubro 2019]. <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/451895/edicao:511903>>.
- THEOBALD, Pedro; DALL'AGNOL, Charles (2019). «A *pulp fiction* brasileira de Ryoki Inoue». *Cadernos de Estudos Culturais*, 9 (17). [Em linha] [15 agosto 2019]. <<http://academia.edu>>.
- TREVISAN, João Silvério (2018). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Objetiva.
- VEJA (2019). «Se Bolsonaro e Moro disputassem a eleição para presidente quem venceria». *Veja*, 18 outubro 2019. [Em linha] [18 outubro 2019]. <<https://veja.abril.com.br/politica/se-bolsonaro-e-moro-disputassem-a-eleicao-para-presidente-quem-venceria>>.
- VIANA, Fabrício ([2014] 2018). *Theus: do fogo à busca de si mesmo*. [Edição Kindle]. São Paulo: Bons livros.
- VIANA, Fabrício (s.d.). Blog. [Em linha] [18 outubro 2019]. <<https://fabricioviana.com>>.